



Ricardo R. Rochman  
FGV-EAESP  
ricardo.rochman@fgv.br

## finanças

# Analfabetismo financeiro

OS NÚMEROS DE JUNHO DE 2008 DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB), CRIADO EM 2007, INDICARAM QUE HOVE UMA MELHORA NO ENSINO BRASILEIRO

**Esse índice, que mede a média** de notas dos alunos, variou de 2,9% a 10,5%, variação essa que depende do nível do ensino. Há motivo para comemoração, com certeza, mas comedida: é importante lembrar que as notas estão entre 3,5 e 4,2 – ou seja, bem longe da meta estipulada pelo próprio Ministério da Educação (nota 6,0).

Se estamos progredindo aos poucos no ensino básico de maneira geral, no que tange à educação financeira podemos considerar os brasileiros praticamente “analfabetos”. O grau de desconhecimento não se restringe ao mercado de capitais, mas também a conceitos básicos de matemática financeira.

**Para citar um exemplo, muitas pessoas acreditam que certos varejistas de eletrodomésticos financiam, mesmo, os seus produtos a juros zero. É duro dizer que juros zero simplesmente não existem! Ademais, quem crê na ausência de juros no financiamento deixa de barganhar e desembolsa mais do que outros pelo mesmo produto.**

A importância da educação financeira vai muito além desse nível de desconhecimento. O analfabetismo financeiro implica falta de planejamento das finanças pessoais, e isso afeta desde o equilíbrio das contas familiares, passando pela aquisição da casa própria, educação dos filhos,

saúde, e chegando até a afetar o bem-estar das pessoas na aposentadoria. Um estudo exploratório realizado pela USP mostra que o Brasil está muito longe dos Estados Unidos, Europa e Japão nas medidas de disseminação da educação financeira. Naqueles países há a inserção, direta ou indireta, do tema em currículos escolares oficiais. Adicionalmente, as organizações privadas e do terceiro setor desses países também contribuem para a universalização dos conceitos e instrumentos financeiros. O mesmo estudo mostra que os esforços de algumas escolas brasileiras para incluir a educação financeira na grade curricular ainda estão em estágio inicial, e em alguns casos não são muito estruturados.

A estabilização monetária trazida pelo Plano Real, aliada ao desenvolvimento do mercado de capitais, ao surgimento de novas formas de financiamentos imobiliários e de bens, e à “falência” da previdência oficial, faz com que o conhecimento e planejamento financeiro sejam essenciais na vida cotidiana das famílias. Evidentemente, não se trata de promover, desde cedo, uma cultura de “capitalistas selvagens”, mas de auxiliar os indivíduos nos processos de tomada de decisões financeiras, os quais compõem uma parte importante de seu presente e futuro. ✕